
O que aprendi com os vizinhos

As lições podem vir quando você menos espera

Por PHILIP GULLEY

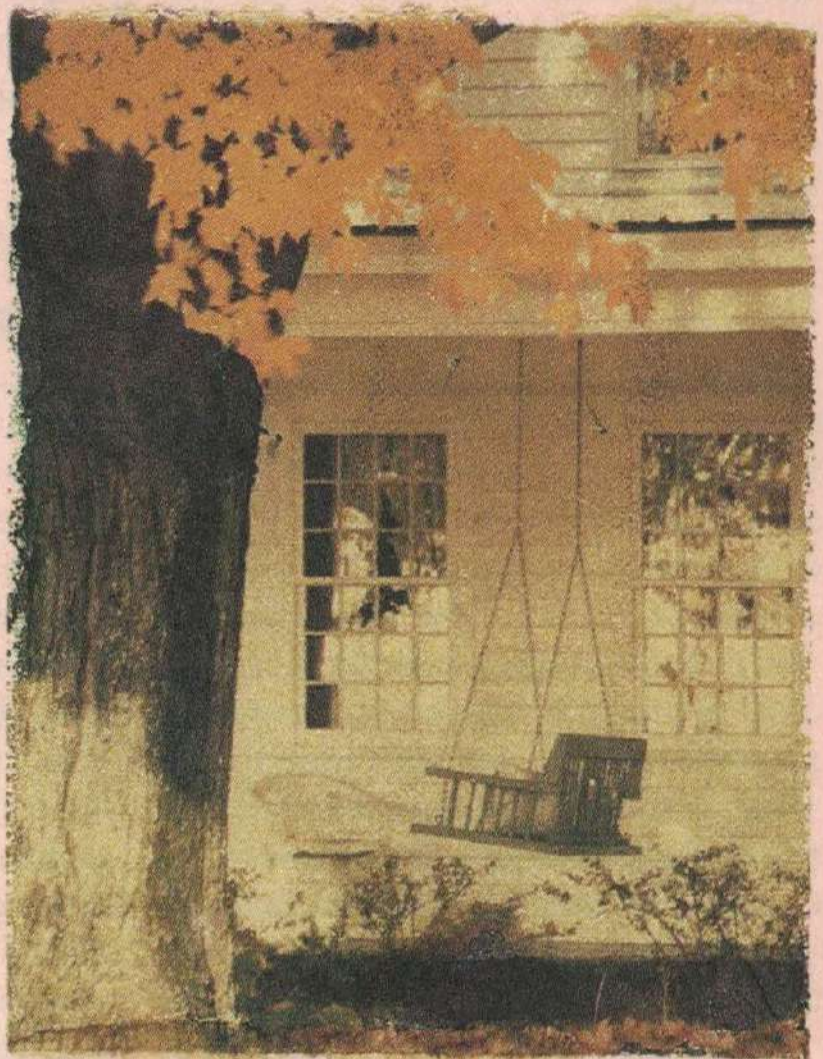
FICO FELIZ por ter nascido antes que o computador e os *videogames* se tornassem tão populares. Meus pais desligavam a TV e me mandavam para a rua, onde encontrei os mais diversos e interessantes vizinhos. Conhecê-los foi um aprendizado em si.

Raízes profundas

O Dr. Gibbs não se parecia com nenhum dos médicos que já conheci até hoje. Todas as vezes que eu o via, ele estava usando macacão e um velho chapéu de palha. Seu sorriso combinava com o chapéu – enrugado e batido. Quando o Dr. Gibbs não estava salvando vidas, estava plantando árvores. Sua casa ficava em um grande terreno e o objetivo do médico era transformá-lo numa floresta.

O bom doutor vinha de uma escola de horticultura cujo lema era “sem sacrifício não há sucesso”. Ele jamais regava uma planta nova.

Quando perguntei por quê, respondeu-me que regar as plantas as fazia crescer com raízes superficiais. As árvores que não são regadas, dizia ele, precisam criar raízes profundas para procurar umidade.



O Lugar Perfeito— Antes dos vídeos e dos computadores havia a varanda.

Ele plantou um carvalho e, em vez de regá-lo todas as manhãs, batia nele com um jornal enrolado. *Pá! Tum! Pof!* Explicava que era para chamar a atenção da árvore.

O Dr. Gibbs provou ter razão alguns anos mais tarde. Passei por sua casa para olhar as árvores que eu o havia visto plantar há 25 anos. Estão firmes como rochas.

Há alguns anos eu também plantei árvores. E as reguei e borrifei até crescerem. Agora elas exigem ser servidas incondicionalmente. Sempre que sopra um vento frio, tremem e estalam os galhos.

Curiosas aquelas árvores do Dr. Gibbs! As adversidades e privações parecem tê-las beneficiado de uma forma que o conforto e as facilidades jamais conseguiriam.

Todas as noites, quando vou me deitar, dou uma olhada em meus dois filhos. Observo seus corpos pequenos, o sopro da vida fazendo-os subir e descer. Muitas vezes rezo para que seus caminhos sejam fáceis, mas ultimamente tenho percebido que é hora de mudar minhas preces. Tem algo a ver com a inevitabilidade dos ventos frios.

Sei que meus filhos encontrarão adversidades, porque a vida é dura. Vou rezar para que criem raízes profundas, de modo que, quando as

chuvas caírem e os ventos soprarem, eles não sejam levados.

História de jornal

Quando estava na quarta série, eu entregava jornais. A Sra. Stanley era uma de minhas clientes. Ela me via pedalando pela rua e, quando eu chegava à varanda de sua casa, havia uma Coca-Cola gelada me esperando. Eu me sentava e bebia enquanto ela falava.

A Sra. Stanley vivia falando do falecido marido. "O Sr. Stanley e eu fomos fazer compras no armazém hoje de manhã", contava ela.

A primeira vez que ela disse isto me engasguei com a Coca-Cola.

Contei a meu pai a maneira de a Sra. Stanley falar, como se o marido ainda estivesse vivo. Papai disse que era provável que ela se sentisse muito só e eu deveria me sentar e ouvir, ba-

lançar a cabeça e sorrir, e quem sabe ela perdesse aquela mania. Foi o que fiz e, no fim, papai estava certo. Depois de algum tempo ela pareceu satisfeita em deixar o marido em paz no cemitério.

Hoje, nós a teríamos mandado a um psiquiatra. Mas tudo o que a Sra. Stanley tinha na época era uma cadeira de balanço na varanda e a atenção do entregador de jornais.

Comunidade é um estado de espírito. Nós a encontramos quando as pessoas à nossa volta se interessam por nós.

Acabei deixando de entregar jornais e passei a me dedicar ao negócio mais lucrativo de cortar grama. Fiquei sem ver a viúva Stanley por vários anos, até que nossos caminhos se cruzaram numa quermesse da igreja. Ela estava servindo o purê de batata e parecia radiante. Quatro anos antes, precisava *subornar* o entregador de jornais para ter alguém com quem conversar. Agora tinha amigos. O marido havia morrido, mas a vida continuava.

Atualmente moro na cidade grande. Minha varanda é uma laje de concreto e meu entregador de jornais é uma senhora chamada Edna, mãe de três filhos. Ela me pergunta como estou e, quando não digo “muito bem”, pára a fim de ouvir meus problemas. Ela morou na cidade a maior parte da vida, mas entende de comunidade.

Comunidade não é tanto um lugar, é mais um estado de espírito. Nós a encontramos quando as pessoas perguntam como estamos porque se interessam, não porque estão sendo pagas para perguntar.

Exatamente como meu pai disse sobre a viúva Stanley. Às vezes basta sorrir, balançar a cabeça e ouvir.

Grandes esperanças

Estava visitando meus pais certa manhã quando Ray apareceu para pedir emprestado o carro de papai. Ray, que trabalhava para o departamento de águas e esgotos, é um destes homens extraordinariamente úteis, que vale a pena conhecer quan-

do você precisa, por exemplo, retirar um guaxinim do sótão ou saber os lugares mais prováveis onde crescem os cogumelos. Num mundo de especialistas, Ray é um generalista.

Ele começou a trabalhar para o município logo após ter terminado o 2º Grau. A faculdade estava fora de cogitação pois custava caro e Ray não tinha dinheiro suficiente. Em vez disso, casou-se com a namorada do colégio e se mudou para uma pequena casa fora da cidade.

Tiveram uma filha que causou sensação na escola. A menina só tirava notas máximas e, por fim, na formatura, foi a oradora da turma. As universidades famosas não estão repletas de filhos de funcionários do departamento de águas e esgotos, mas uma faculdade em Ohio procurava alunos inteligentes e com coragem, e ofereceu-lhe uma bolsa de estudo.

Uma vez por mês Ray costuma pegar emprestado o carro de meu pai para visitar a filha, da qual tem muito orgulho. As pessoas param Ray na rua para perguntar como a menina está se saindo e são muitos os que torcem por essa jovem. Algumas pessoas desabariam sob o peso dessas expectativas, mas a filha de Ray parece tirar mais energia daí.

Ela está aprendendo cedo o que a maioria de nós leva a vida toda para descobrir: que é maravilhoso quando as pessoas esperam algo decente de você. Significa que lhes deu motivos para ter confiança. A esperança é uma bênção, e não maldição.

Regatos no deserto

Um belo dia de primavera, passeando pelos arredores da casa de meus pais, vi um conhecido reunindo com um ancinho as folhas mortas no quintal. Ele se aproximou para conversar, o que me deixou nervoso, já que vinte anos antes nos tínhamos separado como inimigos.

Esse vizinho fora uma pessoa amarga – um homem mesquinho, verdade seja dita. Certa vez acertou-me com uma pá porque eu estava andando em seu gramado. No dia seguinte, joguei nele uma bola de soprar cheia de água.

Ele chamou um policial que transmitiu um alerta geral sobre mim. O policial me encontrou no jardim de casa. Parou o carro e veio em minha direção. Colocou a mão pesada em meu ombro, olhou-me nos olhos e disse: “Mandou bem.” Ele também não gostava do meu vizinho.

Desde então, eu nunca mais falara com o homem. No entanto, ele veio em minha direção e estendeu a mão. Vinte anos antes ele estava corroído pela raiva; agora era a gentileza em pessoa. Havia mudado.

Conversei com meu pai a respeito. Ele contou que o homem se havia tornado simpático desde que a mãe morrera e ele ficara sozinho. Tinha percebido que em vez de espantar as crianças deveria chamá-las para a varanda e lhes oferecer biscoitos. Certa vez li que o caráter de uma pessoa está praticamente formado aos 5 anos de idade. A partir daí você pode dizer se a pessoa crescerá para beber num beco ou inventar a cura para o câncer. Faça tudo certo até que a criança tenha 5 anos ou comece a economizar dinheiro para a fiança – pelo menos é o que diz o livro.

Eu ignorei essa teoria. Tenho dois filhos e não preciso de mais essa ansiedade. Além disso, conheço muitas pessoas que mudaram de rumo na metade da vida.

O profeta Isaías fala de Deus criar regatos no meio do deserto, colocando graças onde elas jamais estiveram antes – como o amor onde sempre reinou o ódio. Estou aqui para dizer-lhes que esses regatos são reais. É que, num início de primavera, eu entrei num deles.

CURIOSIDADE EXCESSIVA



Quando meu marido precisou viajar dois dias antes do meu aniversário, entregou-me um embrulho lindo com recomendações severas para que eu não o abrisse antes do dia marcado. Não resisti à tentação. Abri o embrulho um dia antes – mas em vez de encontrar a jóia ou o perfume que esperava, encontrei um cartão impresso que dizia: “Vou telefonar no dia de seu aniversário para dizer onde escondi seu presente de verdade.” —MARY SYKES-BRYAN, *Grã-Bretanha*